[Recensão a] Leonard A. Curchin, Roman Spain. Conquest and assimilation

Autor(es): Alarcão, J.

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/45534>

DOI: DOI:https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_30_12

Accessed : 26-Apr-2023 14:54:26

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXX

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1991

RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS

Leonard A. CURCHIN, *Roman Spain. Conquest and assimilation*, Londres, Routledge, 1991

A diversidade da Hispânia, resultante da variedade ecológica e da multiplicidade das tradições históricas, é evocada logo na introdução, numa síntese breve e literariamente viva, que impressiona agradavelmente o leitor. Segue-se, logicamente, um quadro geográfico da Península, sem o qual seriam incompreensíveis as dificuldades da conquista e as diversidades culturais; e a este, um quadro étnico pré-romano, sem dúvida uma das partes menos conseguidas da obra.

Dois capítulos sobre a conquista constituem uma boa síntese, em língua inglesa, de uma história que facilmente se pode encontrar, mais desenvolvida, na bibliografia espanhola. A longa duração da guerra é explicada, na sequência das interpretações de Eckstein e Richardson, pelo desinteresse manifestado pelo Senado romano, aliás frequentemente mal informado sobre os desastres e a verdadeira dimensão dos êxitos. Apesar de ter autorizado avultados efectivos (entre 20.000 e 25.000 homens, anualmente) o Senado raramente cuidou de enviar bons generais ou bons administradores. “Spain was little more than a sideshow as far as the Roman Senate was concerned” (p. 54). Talvez o porquê deste desinteresse devesse ter motivado alguma reflexão.

A máquina da administração provincial, conventual e local é examinada no cap. 4. A necessidade de ser breve (porque a obra foi concebida como introdução ao estudo da Hispânia Romana) impede o autor de tratar de problemas como o da data da criação e dos limites geográficos da Lusitânia, o da cronologia dos *conventus* (embora pareça convencido da criação augustana pela inscrição AE 1984, 553, que recorda o *conventus Arae Augustae*) ou o da criação, por Caracala, da *Provincia Hispana Nova Citerior Antoniniana*. As rubricas “Tributação” e “Governo Local” são tratadas com demasiada brevidade, neste último caso talvez porque o autor não julgou conveniente desenvolver uma matéria anteriormente tratada na sua obra *The local magistrates of Roman Spain*.

Os estratos socialmente privilegiados da Hispânia Romana foram, em grande parte, constituídos por indígenas, cuja fortuna tinha por base a terra e cuja ascensão social se fazia pela integração nas *ordines decurionum*. O autor não esquece a importância do evergetismo na aquisição do *status*. A imigração de origem itálica é

talvez excessivamente diminuída e o difícil problema de julgar da origem através da onomástica, simplesmente ignorado.

Ao tratar da urbanização, Curchin sobrevaloriza o evergetismo das elites locais, esquecendo a intervenção possivelmente importante dos governos provinciais. O capítulo reduz-se à descrição sumária das capitais de províncias e de *conventus* e não tenta definir se houve ou não períodos de generalizada e intensa renovação urbanística (como parecem ter sido as épocas de Augusto e dos Flávios), seguidos de outros de afrouxamento construtivo.

A produção de bens alimentares (incluindo *garum*, vinho e azeite), de minérios e de artefactos é tratada de maneira sintética mas com adequado conhecimento da bibliografia, apropriadamente citada. A esta bibliografia deve acrescentar-se Domergue, *Les mines de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité romaine*, Roma, 1990. O autor não pôde utilizar também a bibliografia portuguesa que recentemente acrescentou, de maneira notável, o nosso conhecimento da produção de ânforas na Lusitânia.

“A romanização das crenças” é talvez um título inadequado a um capítulo que concede às religiões indígenas a importância que estas merecem. A informação de que as funções das divindades indígenas podem inferir-se da iconografia ou do contexto dos monumentos epigráficos (p. 157) parece-nos infundada, dada a raridade da iconografia e a desconitualização da quase totalidade dos achados. A iconografia pode até induzir em erro, como no caso de *Bande*, que o autor considera divindade feminina baseado na representação da *patera* de Cáceres, e que na realidade era uma divindade masculina, como se prova pelo género dos epítetos. Pelo contrário, parecemos pessimismo afirmar que não se conhecem os cultos das camadas populares, dado que a onomástica prova o indigenismo de grande parte dos dedicantes.

A resistência à romanização é tratada no último capítulo. O autor hesita entre uma deliberada hostilidade e uma permanência de tradições que não foram desenraizadas. Para ilustrar essa permanência refere-se à manutenção das *gentilitates* e dos pactos de hospitalidade, à continuidade dos castros, à manutenção das religiões indígenas, à pobreza da arquitectura, à manutenção da onomástica pessoal.

Em resumo: esta obra é uma boa introdução ao estudo da Hispânia Romana e as copiosas notas e ampla bibliografia servem de guia seguro ao leitor que queira aprofundar as suas investigações.

J. ALARCÃO